

# A primeira vaia

- 6 FEV 1995

João Emílio Falcão

A quanto anda a popularidade do presidente Fernando Henrique, após o primeiro mês de governo? É fácil prever que não tem mais os 90% de apoio com que assumiu a Presidência da República. A queda, sabemos todos, começou e continuará, pois não foi por acaso a vaia que levou com 20 dias de governo. Deverá, nos próximos dias, após o veto ao aumento do salário mínimo, ficar abaixo dos 60% em que o presidente José Sarney manteve seu prestígio, por muito tempo.

Por que a queda acelerada? A primeira causa, a mais ostensiva, é a reação contra a elitização em curso. O argumento contra o reajuste do salário mínimo é a péssima situação da Previdência, porém, ninguém reclamou quando o Congresso aumentou, em torno de 140%, o próprio presidente da República, os ministros de Estado, deputados e senadores. Para estes sempre há dinheiro. O governo também não se incomoda com as dificuldades do Tesouro quando defende a criação de uma casta especial de DAS para nomear os gênios amigos.

O servidor público é o inimigo número um do governo neste início. Sem apontar qualquer caso, o presidente, que passou dois anos e meio como ministro de Estado, denunciou a "rapinagem" na administração pública. Deve saber de alguns fatos e, nessa hipótese, está omissivo porque não tomou providências ou, se não conhece nenhuma rapinagem, cometeu o pecado da generalização, imperdoável para o presidente da República. De qualquer forma, desrespeitou os honestos e traba-

lhadores, a maioria do serviço público.

A nova casta é outro desrespeito. Os polpudos DAS, já anunciados, beneficiarão os gênios amigos. A quebra da escala salarial será danosa porque eles não carregarão sozinhos a máquina administrativa. Não é justo, também, que esses salvadores da Pátria recebam 60 diárias por mês ou que o governo os hospede na Academia de Tênis, como fez o governo Fernando Collor. Naquela época, quem pagou as despesas foram empresários amigos. Desta vez, espera-se, pelo menos, que seja feito às claras, mesmo contrariando pareceres do TCU.

O serviço público não é a oitava maravilha do mundo e alguns erros precisam ser corrigidos. É boa a discussão em torno da estabilidade, usada por muitos, de forma incorreta, contudo dispensar os "ineficientes" permitirá injustiças, porque é um critério subjetivo, mas demitir os gazeteiros, os vagabundos, seria um bom princípio. Punir os "fantasmas", exigir-lhes a reposição do ganho ilícito, seria exemplar, no entanto o governo revelou fraqueza, ao não suspender o pagamento dos 16 mil funcionários que não se recadastraram.

Deve-se exigir do funcionário o cumprimento de seus deveres, e respeitar os seus direitos. Persegui-los, para agradar às elites, não é uma boa idéia. Os presidentes Jânio Quadros e Fernando Collor enveredaram por esse caminho e se deram mal. O presidente Fernando Henrique está advertido porque a primeira vaia nunca se esquece.